

Olhares e práticas convergentes da informação: algumas reflexões sobre Gilbert Simondon, interdisciplinaridade e saberes indígenas

Looks and practices converging information:

Some reflections on Gilbert Simondon, interdisciplinarity and indigenous knowledge

Ricardo Medeiros Pimenta

Pesquisador Associado do IBICT/UF RJ. Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI/IBICT-UF RJ) e Professor Colaborador do Mestrado Profissional em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde (COC/FIOCRUZ).
Email: ricardo.pimenta@gmail.com

Rodrigo Piquet Saboia de Mello

Doutorando e mestre em Ciência da Informação pelo IBICT/UF RJ. Especialista em Gestão em Administração Pública pelo Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFF. Atualmente, servidor público estatutário da Fundação Nacional do Índio - FUNAI. Email: rodrigopiquetuff@hotmail.com

Submetido em: 02/03/2017

Aceito em: 06/04/2017

DOSSIE

RESUMO

Este artigo, realizado no âmbito da atividade de orientação sobre pesquisa relacionada aos saberes indígenas e suas práticas documentais, busca abordar alguns aspectos do pensamento do filósofo francês Gilbert Simondon, em compreendê-lo como teórico fundamental para o desenvolvimento do conceito de individuação, a ser trabalhado na experiência dos indígenas, de objetos técnicos apropriados por estes e, igualmente, os transformando continuamente; e de informação no tocante ao cenário informacional no qual a tese em andamento e o campo no qual ela se desenvolve é inserida. Nesse sentido, busca-se estabelecer uma ponte da interdisciplinaridade e dos saberes indígenas, ao passo que neste artigo apresentamos uma faceta do aporte teórico conceitual em utilização na pesquisa ainda em andamento. Tal aproximação inusitada se deve à construção da ideia de indivíduo e individuação e como tais associações podem ser estabelecidas a partir do objeto de pesquisa aqui explicitado e de seus alicerces teórico-conceituais.

PALAVRAS-CHAVE: saberes indígenas; documentária; objetos Técnicos; individuação; Simondon.

ABSTRACT

This article, carried out as part of the research orientation activity related to indigenous knowledge and its documentary practices, seeks to address some aspects of the thinking of the French philosopher Gilbert Simondon, in understanding it as a fundamental theorist for the development of the concept of individuation, to be worked in the experience of indigenous people, of technical objects appropriated by them and also transforming them continuously; And of information regarding the informational scenario in which the thesis in progress and the field in which it develops is inserted. In this sense, we seek to establish a bridge of interdisciplinarity and indigenous knowledge, while in this article we present a facet of the theoretical conceptual contribution in use in the research still in progress. Such an unusual approximation is due to the construction of the idea of individual and individuation and how such associations can be established from the object of research explained here and from its theoretical-conceptual foundations.

KEYWORDS: indigenous knowledge; documentary; technical objects; individuation; Simondon.

1. Introdução

Este artigo, realizado no âmbito da atividade de orientação sobre pesquisa relacionada aos saberes indígenas e suas práticas documentais, busca abordar alguns aspectos do pensamento do filósofo francês Gilbert Simondon, em compreendê-lo como teórico fundamental para o desenvolvimento do conceito de individuação, a ser trabalhado na experiência dos indígenas, de objetos técnicos apropriados por estes e, igualmente, os transformando continuamente; e de informação no tocante ao cenário informacional no qual a tese em andamento e o campo no qual ela se desenvolve é inserida. Nesse sentido, busca-se estabelecer uma ponte da interdisciplinaridade e dos saberes indígenas, ao passo que neste artigo apresentamos uma faceta do aporte teórico conceitual em utilização na pesquisa ainda em andamento. Tal aproximação inusitada se deve a construção da ideia de indivíduo e individuação e como tais associações podem ser estabelecidas a partir do objeto de pesquisa aqui explicitado e de seus alicerces teórico-conceituais.

Na hodiernidade, é possível observar a realização, por parte dos povos indígenas, da construção de centros de documentação/informação em diversas regiões do território brasileiro, demonstrando a peculiaridade e as especificidades das culturas ameríndias. Estas instituições documentárias de natureza étnica têm por objetivo registrar e documentar diversas manifestações culturais que outrora eram realizadas exclusivamente pelo Estado e em tempos mais longínquos pela Igreja Católica.

2. Dos saberes aos meios pelos quais eles se conservam e se recuperam: autonomia e tecnicidade

Saberes que se constituem em conhecimento técnico. Reapropriado e convergido para fins da coletividade comunitária, somente possíveis pelo reconhecimento e emprego da técnica em meio às necessidades de registro, salvaguarda e reprodução de elementos informacionais e documentais presentes no processo de individuação dos povos indígenas. Com efeito, o desenvolvimento de instituições de natureza documentária pelos povos indígenas possui implicações maiores do que aquelas estabelecidas na relação típica de saber/poder, já que essas construções intelectuais realizadas pelos

ameríndios representam a possibilidade de novas configurações institucionais e, até mesmo, de novas expressões de um dado povo. Para um melhor entendimento dessa nova realidade, que se configura na fronteira do conhecimento da produção documentária/informacional dos povos indígenas, creio que seja interessante o conceito de saberes sujeitados:

Por “saberes sujeitados”, eu entendo igualmente toda uma série de saberes que estavam desqualificados como saberes não conceituais, como saberes insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível do conhecimento ou da cientificidade requeridos. E foi pelo reaparecimento desses saberes de baixo, desses saberes não qualificados, desses saberes desqualificados mesmo, foi pelo reaparecimento desses saberes: o do psiquiatrizado, o do doente, o do enfermeiro, o do médico, mas paralelo e marginal em comparação com o saber médico, o saber do delinqüente, etc. – esse saber que denominarei, se quiserem, o “saber das pessoas” (e que não é de modo algum um saber comum, um bom senso, mas, ao contrário, um saber particular, um saber local, regional, um saber particular, um saber local, regional, um saber diferencial, incapaz de unanimidade e que deve sua força apenas à contundência que opõe a todos aqueles que o rodeiam) -, foi pelo reaparecimento desses saberes locais das pessoas, desses saberes desqualificados, que foi feita a crítica. (Foucault, 2002, p.12).

Ora, saberes que tradicionalmente não possuíam valor ou que eram vistos como saberes menores ou não tão importantes, como os saberes indígenas, hoje podem ser vistos como saberes que são fruto não apenas de um determinado contexto histórico-social da realização de sujeitos protagonistas de nossa história, mas também saberes que estão sendo empoderados por meio da construção de repositório idealizados, construídos e geridos pelos próprios povos autônomos em destaque. Interessante notar também que a produção documentária confeccionada acaba se realizando de forma autônoma, quando da utilização de ferramentas informacionais que potencializam as possibilidades dos povos indígenas. Para tal conceituação, se faz necessário o entendimento do processo de autonomização dos objetos técnicos proposta por Gilbert Simondon:

Simondon começa por sublinhar a autonomia do objecto técnico de um modo original. Em vez de partir das suas características internas, ligadas, por exemplo, ao seu funcionamento (energia manual, vapor ou eletricidade), pensa os processos

de autonomização dos objectos técnicos na sua passagem do abstracto para o modo concreto, a sua cada vez maior concretização dos objectos técnicos. (Neves, 2008, p.71).

Vejamos o seguinte exemplo: o Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque, localizado no Estado do Amapá na fronteira com a Guiana Francesa, teve apoio do Museu do Índio/Fundação Nacional do Índio em virtude da parceria desenvolvida no âmbito do Programa de Documentação de Acervos Culturais Indígenas, cooperação técnica com o Instituto de Pesquisa e Formação Indígena – Iepé, para o fomento de algumas atividades elencadas abaixo:

- 1) Treinar a equipe técnica do Museu do Índio, formada por índios das quatro etnias daquela região que são funcionários contratados administrativamente pelo governo do Estado do Amapá, no Programa PHL para gerenciamento da coleção etnográfica do Museu Kuahí e do seu acervo bibliográfico;
- 2) Capacitar esses índios para atividades de pesquisa e organização de exposições, por meio de um projeto integrado centrado no tema dos peixes e na pesca na região do Oiapoque; e
- 3) Apoiar as atividades de difusão e comunicação das atividades do Museu Kuahí. (Grupioni, 2014, p.16).

É possível inferir que, em um primeiro momento no desenvolvimento de atividades a serem realizadas pelos indígenas do Oiapoque, há a necessidade da composição de um corpo técnico capaz de produzir diretrizes de trabalho e treinamento com o intuito de subsidiar a continuidade do trabalho de documentação a ser realizado no Museu Kuahí. No entanto, após o seu início, a realização do processo do documentário talvez possa se realizar de forma mais orgânica, ou seja, autônoma, sendo que a relação homem-máquina se apresentará de maneira a se tornarem companheiros do processo inovador de documentação em curso. Deste modo:

A relação homem-máquina deve ser de companheirismo, de ajuda mútua e de igualdade de condições, não de dominador e dominado. É, a exemplo de toda amizade real, ao mesmo tempo, um elo tenso e solidário. Solipsismos ou idealismos

também são rechaçados terminantemente. Não há gênios isolados, como ilhas, mas toda invenção técnica, além de ser coletiva, pertence a uma linhagem genética de objetos que conta com uma historicidade própria. (Laterce, 2007, p.182).

Assim, os povos indígenas têm avançado, abarcando os Povos Indígenas do Oiapoque, para o empoderamento na utilização de novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) com o objetivo de se tornarem autônomos na construção de seus repositórios de saberes indígenas, relegando a necessidade da participação de agentes alienígenas da sua cultura, como as ações documentárias produzidas pelo próprio Estado.

Sobretudo, compreender o humano é compreender também os objetos que o circundam e que também atuam na construção, ou reconstrução, do seu ser no mundo, no tempo e no espaço. Com efeito, toda tecnologia, aqui representada pelo que Simondon chama de objetos técnicos, é ela própria expressão da conexão do humano com a natureza. E, dessa forma, são os objetos técnicos, produzidos pelas pessoas, formas de extensão da vida. Nesse sentido, o que presenciamos cotidianamente no tocante aos usos e mediações da informação e da comunicação realizadas pelas pessoas por meio dos aparelhos e toda sorte de meios tecnológicos ao qual este tem acesso, é de ordem transindividual:

Indeed, Du mode d'existence des objets techniques criticizes what it calls "an easy humanism," which is not humanism in general, but only what one might call "a far too easy humanism." In opposition to this, it is for him a matter of establishing what I would like to call a "difficult humanism," which is to say, a humanism compatible with the critique of the two aspects of "anthropology" as defined by Simondon. On the one hand, this difficult humanism integrates human reality into physis, and on the other technology into culture. These two integrations are in fact for Simondon just one, since technology, he says, is itself what "expresses" "nature" in its connection with the "subject": the technical object is the extension of life through which that life can go beyond itself in a relationship referred to as "transindividual." So, Simondon says, the technical object is nature having become a "support" for what extends and overcomes simple life. (Barthélémy, 2015, p.49).

Destarte, e em específico, a relação do humano, ou melhor, do indígena, com a máquina deve ser uma relação de cooperação, na qual o elemento maquínico será de grande valia para a consecução

de autonomia e protagonismo a ser realizado pelos povos indígenas. Há um despertar de tais povos para o objetivo da construção de seus próprios lugares de saber, estabelecendo a melhor maneira de construir e gerir instituições como arquivos, bibliotecas e museus.

O aspecto transindividual da comunicação e da informação é o ponto, senão o objeto, sobre o qual todos precisamos nos debruçar na intenção urgente de constituir para si meios de responder às indagações e aos problemas que já se colocam no horizonte dos estudos da área, principalmente quando colocamos tais questionamentos em face de experiências e realidades tão singulares como aquelas das nações indígenas. Pensar Simondon é, antes de tudo, considerar que os agenciamentos maquínicos existentes no processo espaço-temporal de construção, significação, uso e desuso da informação na sociedade contemporânea são iminentes à natureza humana que se individua; seja esta pessoa quem for.

Desde o acesso às páginas de um caderno em branco cuja pena tangencia a folha na intenção de criar um registro, uma impressão, uma memória, uma informação; gravadores e câmeras filmadoras ou fotográficas; às pastas em nuvem acessadas por *smartphones*, *tablets* e computadores pessoais que compartilhamos e renomeamos a todo o momento e de qualquer lugar, detemos em nosso cotidiano uma relação com a informação que interfere diretamente na forma como pensamos, como nos comunicamos e como nos lembramos. Mas, sobretudo, como somos no mundo e como estamos sendo neste processo que se apresenta à luz de Simondon como o processo claro da individuação.

Neste ínterim, caberia também uma aproximação entre a produção dos saberes indígenas, seu processo de autonomização e a não necessidade da presença de intelectuais, ou demais instâncias ditas superiores para sugerir, delimitar a área de atuação ou até mesmo determinar qual seria o melhor saber para a construção de repositórios informacionais e quaisquer outras iniciativas propostas pelos povos indígenas:

Ora, o que os intelectuais foram impelidos a descobrir recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, interdita, invalida esse discurso e esse saber. Poder que não se encontra somente nas instâncias superior da censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade. Os

próprios intelectuais fazem parte deste sistema de poder, e a ideia de que eles são agentes da “consciência” e do discurso também faz parte desse sistema. O papel do intelectual não é mais o de colocar “um pouco na frente ou um pouco de lado” para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele, como intelectual, é ao mesmo tempo o objeto e o instrumento: na ordem do “saber”, da “verdade”, da “consciência”, do discurso. (Deleuze, 2006, p.266-267).

Num tempo outrora, eram imputados aos povos indígenas a existência de intelectuais que pudessem propor e determinar o que seria o melhor a fazer para eles. Assim, pensadores das áreas das Ciências Humanas, como historiadores e antropólogos, se colocavam como defensores dos indígenas, havendo assim a necessidade de uma ação sempre mediada.

Realizando um exercício de imaginação sociológica, vejamos a passagem abaixo que relata um pouco deste modelo excludente, de origem marxista, na composição das classes sociais brasileiras, dado um contexto de superior e inferior, classes dominantes e classes dominadas:

Nessas condições, exacerba-se o distanciamento social entre as classes dominantes e as subordinadas, e entre estas e as oprimidas, agravando as oposições para acumular, debaixo da uniformidade étnico-cultural e da unidade nacional, tensões dissociativas de caráter traumático. Em consequência, as elites dirigentes, primeiro lusitanas, depois luso-brasileiras, e afinal, brasileiras, viveram e sempre vivem ainda sob o pavor pânico é a brutalidade repressiva contra qualquer insurgência e a predisposição do poder central, que não admite qualquer alteração da ordem vigente. (Ribeiro, 1995, p.23-24).

3. O processo de documentação pelos indígenas e sua condição individuante

Alguns pontos que desde já merecem ser problematizado, no exemplo acima, é a interpretação, talvez datada, de certo distanciamento entre classes e a alteração de uma dada ordem vigente. No tempo presente, é possível verificar um protagonismo indígena único, e de outros povos até então com relação assimétrica, como ribeirinhos e quilombolas, que hoje começam a pautar políticas públicas e

outras formas de realização para atender suas demandas e necessidades.

A realização de registros de documentação da cultura indígena serve como apontamento para o entendimento e o pautar indígena na realização de atividades que venham a atender anseios que advém do próprio entendimento que os povos indígenas detêm sobre a importância do registro para assegurar parâmetros culturais próprios, como o empreendimento de ações mais incisivas de proteção territorial, num contexto de insegurança e de discussão dos direitos estabelecidos juridicamente. Um caso que podemos ressaltar é o da documentação do povo Kayapó:

Com a implementação e execução do Projeto Kukràdjà Nhipêjx (Projeto de documentação da cultura Kayapó), a potência imagética da cultura mebêngôkre foi se tornando o próprio tema central da documentação. Sobretudo porque os habitantes de Mòjkarakô souberam, a seu modo, se apropriar do projeto, fazendo dele um processo coletivo, onde toda a comunidade estava envolvida na produção de imagens de uma grande quantidade de festas e das atividades e recursos necessários para fazê-las. Desde o início, ficou claro para os habitantes da aldeia e também para seus chefes, que a produção de imagens e registros documentais deveria girar em torno da diversificada produção ritual mebêngôkre. Tanto que o trabalho dos pesquisadores indígenas do projeto não pode ser outro, senão, o de filmar ininterruptamente rituais realizados em Mòjkarakô e também em outras aldeias. São eles, os rituais, o tema da maior parte das mais de trezentas horas de gravação em vídeo e das mais de dez mil fotografias produzidas no âmbito do projeto, entre os anos de 2009 e 2013, e também dos vários filmes concluídos durante esse período (Metoro, 2015, p.25).

A passagem relata o protagonismo indígena no sentido de registrar a cultura do povo Kayapó. Felizmente, os indígenas sabem que a ação de registro é importante para a manutenção das manifestações culturais por eles realizadas. Tal iniciativa foi demandada pelos próprios indígenas, que entenderam que ações de registros da sua cultura são de fundamental importância para a manutenção de seu modo de vida e que significa num primeiro momento a perenidade de seus *ethos* cultural e, posteriormente, até mesmo dispositivo de recuperação de determinados aspectos da sua cultura.

Esta ação documentária, ressaltada como uma babel do ponto de vista informacional, não necessariamente deva ser visto como algo que produzirá certo caos documentário devido ao desafio da organização dos registros produzidos. Um conceito que poderá ser de valia para o entendimento do

processo em curso é o de transdução:

Do emprego de tal método - que considera o princípio de identidade e o princípio do terceiro excluído como excessivamente limitados - emerge uma noção que possui múltiplos aspectos e campos de aplicação: a noção de transdução. Entendemos por transdução uma operação física, biológica, mental, social, pela qual uma atividade se propaga pouco a pouco no interior de um campo, fundando essa propagação numa estruturação do campo operada passo a passo: cada região de estrutura constituída serve de princípio de constituição à região seguinte, de modo que uma modificação se estende progressivamente e simultaneamente a esta operação estruturante. Um cristal que, a partir de um germe muito pequeno, cresce e se estende em todas as direções na sua água-mãe fornece a imagem mais simples da operação transdutiva: cada camada molecular já constituída serve de base estruturante à camada que está se formando; disso resulta uma estrutura reticular amplificadora. (Simondon, 1958, p.9).

Assim como o cristal, citado por Gilbert Simondon, o documento será um fator de dinamização e propagação, conforme explicitado pelo conceito de transdução. Na verdade, é ele, o documento, resultado e representante do processo de metaestabilidade (Simondon, 1989), ao qual Simondon faz menção em *O modo de existência dos objetos técnicos*, por meio do qual a individuação é possível.

Portanto, esta lenta propagação modificará toda uma cadeia de ações documentárias realizadas de modo habitual, gerando encadeamentos até então não pensados, como ações de desclassificação de repositórios constituídos em instituições que possuem a *expertise* da ação documentária calcada na logicidade apreendida no âmbito da modernidade.

Para além do povo Kayapó, há diversos grupos indígenas que têm realizado ações no sentido de registrar a sua cultura. Porém, o desafio premente é fazer com que esses registros de natureza digital não sejam perdidos na babel do mundo das TICs. Deste modo, grupos de diversas regiões do país têm a necessidade de se tornarem documentaristas indígenas, detentores de conhecimento do campo da documentação, calcados em parâmetros produzidos pela Ciência da Informação, com o fito não apenas de registrar, mas preservar e disseminar a sua cultura. Evidentemente que tais ações informacionais devem ser dispostas de maneira autônoma, frente às necessidades e desejos de grupos ameríndios. Ainda cabe ressaltar que tais ações podem apontar para um procedimento de resistência cultural.

Vejamos:

A expansão do digital e da tecnocultura obriga, sem dúvida, a um exercício de pluralismo ético, que consiste em criar ferramentas que não apenas auxiliem na organização dos “conhecimentos dominantes”, mas, especialmente, que promovam a resistência dos conhecimentos considerados subalternos. (Gutiérrez, 2006, p.105).

A expansão dos registros culturais indígenas pode ser identificada como fruto da consciência para a importância das ações documentárias em curso. Entretanto, as ações empreendidas são fruto também de uma expansão da cultura do digital, pelas facilidades no acesso e manuseio dos artefatos de documentação tecnológicos, gerando assim um curso de ações de resistência cultural, até mesmo de natureza política, quando da produção documentária realizada pelos povos considerados historicamente como subalternos, como os próprios povos indígenas.

Outro desafio, talvez de maior magnitude, na construção dos centros de documentação indígena será como se dará à dinâmica dentro do contexto de institucionalização de seus repositórios, produzindo uma nova maneira de realizar que afaste qualquer forma de sujeição, como conhecida no sistema capitalista de produção:

Na servidão maquínica, o indivíduo não é mais instituído como sujeito (capital humano ou empresário de si). Ao contrário, ele é considerado como uma peça, como uma engrenagem, como um componente do agenciamento “empresa”, do agenciamento “sistema financeiro” do agenciamento mídia, do agenciamento “Estado Providência” e seus “equipamentos coletivos de subjetivação” (escola, hospital, museu, teatro, televisão, internet, etc). O indivíduo “funciona” e é submetido ao agenciamento do mesmo modo que as peças técnicas, que os procedimentos organizacionais, que os sistemas de signos, etc. (Lazzarato, 2010, p.168).

A formação de repositórios indígenas deve possuir uma dinâmica própria para que seja viável a iniciativa. Isto significa alguma espécie de organização, por exemplo, dos recursos humanos e tecnológicos disponíveis. No entanto, para que seja preservada a especificidade da cultura indígena, não

se deve importar de culturas estranhas, como a capitalista, certas dinâmicas de trabalho e organização, a preço de se tornar outro de tipo de agenciamento: o agenciamento documentário.

Na contemporaneidade, os povos indígenas têm realizado esforços no sentido de registrarem, como nos casos já mencionado do povo Kayapó ou dos Povos Indígenas do Oiapoque, a sua cultura por meio da introdução de dispositivos tecnológicos, que vão desde o uso de câmeras de filmar, até a construção de repositórios digitais, na formação de base de dados *online*. O processo de documentação amplamente utilizado pelo Estado Moderno ao longo do século XX parece ter se tornado um elixir para grupos não hegemônicos.

A própria experiência dos ameríndios nas ações documentárias possui um viés interdisciplinar, pelo menos no plano discursivo. Isto porque há uma espécie de aproximação de culturas distintas, que funcionariam em tese de maneira complementar, num tipo de integração dos saberes (Pombo, 2005, p.5), na utilização de palavras alternativas para o conceito de interdisciplinaridade.

Uma hipótese plausível para o fenômeno informacional dos povos indígenas na construção atual de centros de documentação, como já realizado pelo Estado Nacional no passado, seria não uma integração dos saberes, de forma pacífica nas relações potencialmente conflituosas entre agentes/instituições construídas historicamente como o próprio Estado, movimentos indigenistas, agentes econômicos contrários a grupos indígenas, mas sim uma apropriação dos povos indígenas da informação como protagonismo político.

Importante realçar que tal iniciativa aventada por meio da construção de repositórios informacionais geridos pelos próprios povos indígenas nada mais é do que a realização de forma mimética de práticas documentárias adotadas pelo Estado, em que a informação gerenciada era um meio de controle e vigilância sob o território estatal. Ora, se o Leviatã Moderno pode fazer isso por tantos anos, e ainda fazê-lo com tanta eficácia, porque agora não há de se ter um protagonismo indígena em que os próprios ameríndios sejam emancipados frente a lutas políticas cada vez mais vivenciadas pelas parcelas excluídas da sociedade brasileira.

4. Considerações finais

Para se adequar e se apropriar de forma mais tênue de culturas distintas da lógica cultural dos povos indígenas, esta mesma parcela da sociedade se utiliza de artefatos informacionais baseado numa discussão culturalista, de cunho interacionista, na qual não há uma assimetria dos saberes produzidos e na própria apropriação desses saberes. Por mais que haja uma ação racional, no sentido de se apropriar de práticas documentárias, há uma discursividade pela integração dos saberes, mais palatável do que uma exposição radical da dinâmica produzida pelo Estado como instância de saber/poder, controle e vigilância.

Seguindo o pensamento de Olga Pombo, há uma passagem em que a autora afirma que a ciência segue o caminho da especialização e que tal caminho foi importante para os avanços da sociedade como um todo. Vejamos:

[...] a ciência continua esse movimento em direção a uma cada vez mais profunda especialização. Especialização que tem produzido resultados notáveis, magníficos. Não podemos recusar, nem menosprezar, nem esquecer, que foi este procedimento analítico da ciência moderna que deu origem a todos os conhecimentos e a todo o bem-estar que lhe devemos. (Pombo, 2005, p.6).

O discurso pela interdisciplinaridade resulta numa abordagem que pode significar um avanço qualitativo na realização do cientista contemporâneo. No entanto, mais do que o domínio de um novo modo de fazer ciência, é também uma possibilidade de mudança paradigmática que está inscrita nos seres humanos, pois tendemos sempre a trabalharmos em zonas de conforto para a nossa proteção e a de nossos próprios pares.

O desafio que os povos indígenas enfrentarão para se tornarem protagonistas do processo de documentação em curso é de grande vulto. Fora a própria natureza do processo de documentação, com todas as suas nuances e especificidades, se faz necessário um elaborar das dinâmicas de trabalho postas como também ao próprio processo maquínico para realizar de forma libertadora e libertária a

ação política posta ou será apenas grilhões ao repetir certas realizações notoriamente conhecidas pelo mundo ocidental.

Referências bibliográficas

BARTHÉLÉMY, Jean-Hugues. *Life and Technology: An Inquiry Into and Beyond Simondon*. UK: Meson Press, 2015. Disponível em: <<http://meson.press/books/life-and-technology/>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta e outros textos: textos e entrevistas*. São Paulo: Iluminuras, 2006.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. *Documento técnico "02": gestão científica de documentação de acervos culturais em centros de formação, de documentação e museu indígenas*. Rio de Janeiro: UNESCO, 2014.

GUTIÉRREZ, Antonio García. Cientificamente favelados: uma visão crítica do conhecimento a partir da epistemografia. *Transinformação*, Campinas, 18 (2), p.103-112, maio/ago, 2006.

LAZZARATO, Maurizio. Sujeição e servidão no capitalismo contemporâneo. *Cadernos de subjetividade*, p.168-179, 2010.

LATERCE, Sávio. Individuação e humanismo técnico em Simondon. *Revista de Filosofia*, v.4, n.7, p.178-189, 2007.

METORO Kukràdjà: ensaio fotoetnográfico sobre a estética ritual Mebengôkrê-Kayapó. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2005.

NEVES, José Pinheiro. Seres Humanos o objectos técnicos: a noção de "concretização" em Gilbert

Simondon. *Comunicação e Sociedade*, v.12, p.67-82, 2007.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. *Liinc em Revista*, v.1, n.1, p.3-15, mar. 2005.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SIMONDON, Gilbert. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier, 1989.

_____. *L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information*. Paris: Édition Jérôme Millon, 1958.